

PREFÁCIO

PARECEU-ME QUE OS CINCO ARTIGOS AQUI REUNIDOS, redigidos em função de diferentes temas que lhes tinham sido respectivamente consignados, não escapam ao efeito de só-depois de um trabalho analítico que lhes confere uma complementaridade quanto à sua reflexão em comum sobre a *razão* psicanalítica, a ser tomada aqui como o conjunto de princípios da psicanálise que fundamentam sua especificidade e nela provocam um efeito de saber. É nisso que nós, psicanalistas, não cessamos de trabalhar, buscando trazer à luz os pressupostos de tal razão, a saber, aqueles que concernem tanto à experiência do tratamento quanto à elaboração teórica por ela provocada num efeito de só-depois. Nesses termos, eu entreveria o saber do psicanalista como a anuência de sua posição de ficção no lugar do *sujeito suposto saber*, única posição aceitável para o analisando, que permitirá a este, uma vez instaurada a relação transferencial, assumir a destituição do objeto *a*.

O termo ficção não é uma metáfora; ele define o próprio ato analítico, o qual, por decorrer da regra fundamental enunciada ao analisando de dizer tudo o que lhe vem à cabeça (lembranças,

associações, autopercepções...), permite-lhe deixar que surjam os significantes originários inconscientes ligados à causa de seu desejo. Torna-se então possível que ele, inserido na linguagem sob a marca do traço unário proveniente do Outro, aceda ao estatuto de sujeito, ciente, no entanto, de que esse estatuto permanecerá perenemente indefinível. E porque o significante nada significa em si mesmo, o sujeito aparecerá tão somente como um clarão na passagem de um significante a outro significante, portador de um gozo originário ligado ao corpo e aos signos do desejo.

O saber do psicanalista, assim, resultaria sobretudo da experiência do tratamento, cujo fim daria conta, para um sujeito, da destituição necessária do objeto *a* e da resolução da ascendência da fantasia fundamental que se encontrava necessariamente ligada a ele. Mas se o objeto *a* então se apresenta como uma função própria à manutenção do desejo, é porque ele se insere na divisão do sujeito, a mesma divisão que define o campo da psicanálise e a distingue de todas as outras ciências humanas, entre as quais, é claro, a psicologia. Essa distinção própria à psicanálise, todavia, não a torna uma ciência nova, nem a faz cair no domínio da ciência em geral, uma vez que o seu objeto, a divisão do sujeito, é o próprio motor de sua causa, aquela em que se engajam, a um só tempo, o psicanalista e o analisando na distância irreduzível entre verdade e saber.¹ Ademais, o objeto *a* não é *um resto de resto*, como tento explicitar em meu artigo assim intitulado.

- I “O objeto da psicanálise [...] é justamente o que já expus sobre a função que nela desempenha o objeto *a*. O saber sobre o objeto *a* seria então a ciência da psicanálise?// Essa é precisamente a fórmula que se deve evitar, uma vez que esse objeto *a* deve ser inserido, já o sabemos, na divisão do sujeito pela qual se estrutura muito especialmente [...] o campo psicanalítico.” (Lacan, 1966: 863)

Não nos encontramos, contudo, ao abrigo do impacto da ciência, pois esta, à diferença de seu desenvolvimento racional no século XVII, que tendia à elaboração de sistemas fechados, é capaz hoje, em particular com a física quântica, de tratar não apenas da irredutível implicação do observador na experiência, mas também da única possibilidade que lhe é concedida, a de formalizar não o comportamento da partícula, e sim o conhecimento sobre este que lhe parece alcançado num tempo determinado. E a questão de saber se essas partículas existem “em si mesmas” no espaço e no tempo só pode reportar-se às projeções conceituais, aqui matematizáveis, dos observadores. Niels Bohr, interrogado por Werner Heisenberg, afirmou: “Devemos ter clareza de que, quanto a isso, só podemos nos servir da linguagem à maneira dos poetas, os quais, em vez de representar os fatos de forma precisa, buscam apenas criar imagens no espírito de seu público e estabelecer conexões no plano das ideias.” (Heisenberg, 1920–2 | 1990: 65)

Recorro aos físicos do átomo porque nos reconduzem à questão da linguagem na impossibilidade em que ela se encontra de dar conta de uma finalidade própria às experiências deles que desafiam os modelos racionais já utilizados. O que se busca? Como elucidar e compreender os fenômenos constatados? Quando “novos conceitos se formarem, [mas] ainda estamos muito longe disso” (: 65), Bohr prosseguiu em sua resposta a Heisenberg. Tal indicação dos limites da linguagem para designar um indizível ressoa nossa própria estruturação original e demanda, no caso da física, uma nova contribuição conceitual, não para resolver um enigma, e sim, de preferência, para encontrar as formas expressivas mais apropriadas a uma tentativa de sistematização. Tratar-se-ia, portanto, de criar conceitos e conceber modelos formais suscetíveis de evoluir. A função desses modelos seria obter um arranjo animado por uma dinâmica, cuja natureza original necessariamente nos escapa e permanece desconhecida.

Evidentemente, trata-se não da realidade, e sim de um real. Contudo, se esse real que se destina a ser reabsorvido permanece ignoto nas ciências ditas *duras* (e se percebe que estas não são tão duras assim...), na psicanálise ele é integralmente partícipe da conjunção dos três campos próprios à figura do nó borromeano que caracteriza o psiquismo do sujeito, a saber, o imaginário, o simbólico e o real. Para a psicanálise, portanto, em vez de encontrar novos conceitos, cabe elaborar uma topologia dinâmica em que o real, em sua relação com o que permanece inapreensível de seus efeitos originais, continue a desempenhar seu papel indissolúvelmente ligado aos dois outros campos delimitados pelos anéis do imaginário e do simbólico. Assim, e para concluir este prefácio, é precisamente a partir da questão do manejo do real que as diversas ciências mantêm a sua especificidade, deste real que não cessa de manifestar-se e exige ser levado em conta por cada uma das disciplinas em função do interesse e dos objetivos a que elas se destinam.